

Lourenço Filho, alfabetização e cartilhas:

percurso e memória de uma pesquisa histórica

Estela Natalina Mantovani Bertoletti

Como citar: BERTOLETTI, E. N. M. Lourenço Filho, alfabetização e cartilhas: percurso e memória de uma pesquisa histórica. *In*: MORTATTI, M. R. L. (org.).

Alfabetização no Brasil: uma história de sua história. Marília: Oficina

Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 95-108. DOI:

<https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-178-2.p95-108>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

LOURENÇO FILHO, ALFABETIZAÇÃO E CARTILHAS: PERCURSO E MEMÓRIA DE UMA PESQUISA HISTÓRICA

Estela Natalina Mantovani Bertoletti

INTRODUÇÃO

Em 1995, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Marília, no curso de mestrado, e passei a integrar o Grupo de Pesquisa História do ensino de Língua e Literatura no Brasil (GPHELLB)¹.

No âmbito desse grupo de pesquisa e orientada pela professora Maria do Rosário Longo Mortatti, produzi uma dissertação de mestrado (BERTOLETTI, 1997) e uma tese de doutorado² (BERTOLETTI, 2006b). Dessas pesquisas, resultaram um livro³, vários artigos, capítulos de livros e outros tipos de textos abordando, sobretudo, aspectos até então pouco explorados da obra do educador brasileiro Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970), no que diz respeito à alfabetização e à literatura infantil e juvenil.

Por meio dessa produção acadêmico-científica, tenho tido a possibilidade de refletir, dentre outros aspectos, sobre: problemas e possibilidades da pesquisa histórica;

¹ Para informações a respeito do GPHELLB, ver o texto de Mortatti, que integra este livro.

² A tese de doutorado, financiada com Bolsa CNPq, foi intitulada *A produção de Lourenço Filho sobre e de literatura infantil e juvenil (1942-1968)*: fundação de uma tradição e teve por objetivos: contribuir para a produção de uma história, teoria e crítica específicas da literatura infantil e juvenil brasileiras; compreender a produção de Lourenço Filho *sobre e de* literatura infantil e juvenil, mediante análise da configuração textual do *corpus* eleito; e compreender a relação entre essa produção e o lugar ocupado por seu autor no âmbito da história da literatura infantil e juvenil brasileira. Foi possível concluir que, em sua produção *sobre e de* literatura infantil e juvenil, Lourenço Filho funda uma tradição, característica de determinada época, que serve de referência a seus pósteros, influenciando sobremaneira a produção *sobre e de* literatura infantil e juvenil até os dias atuais.

³ Com adequação de redação, os resultados da pesquisa de mestrado foram publicados em Bertoletti (2006a). O livro resultante da tese de doutorado se encontra em fase de publicação, pela mesma editora que publicou o livro anterior.

o método de investigação centrado na análise da configuração textual⁴; o tema geral do GPHELLB, sobretudo, no que diz respeito a duas de suas cinco linhas de pesquisa, Alfabetização e Literatura infantil e juvenil; e a atuação e a produção escrita de Lourenço Filho sobre alfabetização e sobre literatura infantil e juvenil.

Neste texto, tenho como objetivo apresentar o percurso da pesquisa que desenvolvi, entre 1995 e 1997, em nível de mestrado, com o objetivo de compreender o projeto de alfabetização de Lourenço Filho, por meio da análise da configuração textual de duas cartilhas produzidas por esse autor: *Cartilha do povo* - para ensinar a ler rapidamente, de 1928, e *Upa, cavalinho!*, de 1957.

Tal percurso é aqui apresentado, a partir de aspectos da memória, relativamente ao estudo sobre o tema, à metodologia empregada e ao objeto de investigação escolhido, destacando, como pano de fundo, a importância de cartilhas de alfabetização como objetos de estudo privilegiados para a constituição da história da alfabetização no Brasil, no âmbito da produção acadêmico-científica sobre o tema, uma vez que: cartilhas são instrumentos fundamentais para a compreensão da alfabetização no Brasil, graças ao papel por elas desempenhado ao longo da história desse ensino⁵.

É necessário ressaltar, no entanto, que não se trata de uma história das cartilhas, apenas como produto comercial, pedagógico ou cultural, mas de uma história da alfabetização, analisada a partir do material empregado em seu ensino, pois, dialogando com Viñao (2008), no âmbito da história das disciplinas escolares, cartilhas constituem a “ata fundacional” da alfabetização.

I

No mestrado, o tema “Lourenço Filho, alfabetização, cartilhas” foi-me apresentado pela orientadora, a partir de meu interesse em desenvolver pesquisa histórica sobre leitura/aquisição inicial de leitura e escrita.

À época, o tema era totalmente desconhecido por mim, sobretudo, no que diz respeito a Lourenço Filho. Eu vinha de um curso de formação inicial em Letras, em que pouco ou nada se discutia sobre educação e ensino. Além disso, vivíamos uma época de superioridade do presente, de pouca mentalidade histórica, em que o passado precisava ser exorcizado, uma vez que o presente era “revolucionário” e totalmente destituído dos “atrasos” e “ranços” do passado, visto como “ultrapassado”.

⁴ Método de análise proposto por Magnani/Mortatti. Para maiores informações, ver: Magnani (1995, 1997) e Mortatti (1999, 2000a, 2008). Informações sobre esse método se encontram, também, em texto de Mortatti, que integra este livro.

⁵ Com essa afirmação, não quero destituir de importância outras fontes documentais de natureza diversa para estudo da história da alfabetização, como, outros textos escritos, objetos, fotografias etc.; quero ressaltar o papel exercido pela cartilha de alfabetização na história desse ensino, que a coloca como documento portador de testemunhos de diferentes épocas, em relação à alfabetização.

O alerta já me tinha sido feito por minha orientadora que expôs, como principais motivos para o estudo de aspectos pouco explorados — como a alfabetização — da obra de Lourenço Filho, a ausência de estudos intensivos sobre esse aspecto e a necessidade de contribuição para o preenchimento dessa lacuna na história da alfabetização no Brasil, alertando, também, para as dificuldades no desenvolvimento de pesquisas desse tipo, naquele momento histórico.

Até meados dos anos 1990, cartilhas de alfabetização, especialmente as “antigas”, não eram objeto de investigação prestigiado na pesquisa em Educação no Brasil. Vivia-se, ainda, certo clima de euforia decorrente da disseminação da teoria construtivista, que demandava esforços por parte dos pesquisadores no sentido de compreender os problemas da alfabetização de acordo com a psicogênese da língua escrita e elaborar propostas de intervenção na prática docente alfabetizadora, por meio de uma “didática construtivista”, a qual, por sua vez, implicava abandonar-se cartilhas, por serem consideradas empecilhos ao processo de construção do conhecimento a respeito da língua escrita, por parte dos alfabetizandos. (MORTATTI, 2006a, p. 13).

A confirmação do alerta veio em ao menos dois episódios. Um deles ocorreu quando uma colega, ao ver junto ao meu material de estudo, livros e cartilhas escritos por Lourenço Filho, censurou a leitura, afirmando tratar-se de “coisas velhas e ultrapassadas”, que em nada contribuíam para a alfabetização daquele momento. O outro episódio ocorreu em um evento, no qual apresentei resultados parciais da pesquisa que desenvolvia; após minha exposição, uma participante elogiou o trabalho e elogiou também as cartilhas, ressaltando a necessidade da adoção delas nas escolas. Esses episódios foram cruciais para que, como pesquisadora iniciante, eu enfrentasse o desafio de comprovar, inclusive para mim, a relevância e pertinência do tema sugerido e me conscientizasse da importância e necessidade da abordagem histórica do tema, não para confirmar “juízos de valor apriorísticos”, nem para “exorcizar o passado como origem dos males da alfabetização no presente”, nem para retomá-lo, conforme já alertara minha orientadora.

Assim, compreendi que fazer pesquisa histórica é *reconstruir o passado*, o que não significa fazer um apanhado de dados sobre um determinado tema em textos que apresentam panoramas históricos sobre esse tema e esboçá-los cronologicamente. Para esse tipo de pesquisa, trata-se de abordar o tempo histórico, abandonando a “[...] crença na superioridade do presente e da cultura atual sobre a época e a cultura do objeto investigado [...]” (BOTO, 1994, p. 31), e não me deixando “[...] seduzir inadvertidamente pelas interpretações dos sujeitos das épocas em estudo, abdicando a posição de sujeito de um discurso interpretativo.” (MORTATTI, 1999, p. 75).

Como aprendi nos anos iniciais de minha formação no mestrado, na pesquisa histórica busca-se compreender o sentido da experiência vivida que, no dizer de Vieira, Peixoto e Khoury (1991, p. 17), é aquela construída por homens reais, “[...]”

vivendo relações de dominação e resistência [...]”. Desse ponto de vista, a produção do conhecimento histórico

[...] é capaz de apreender e incorporar essa experiência vivida, fazer retornar homens e mulheres não como sujeitos passivos e individualizados, mas como pessoas que vivem situações e relações sociais determinadas com necessidades e interesse e com antagonismos. (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 1991, p. 17-18).

Isso não significa, como adverte Marc Bloch ([199-]), buscar “resgatar” a “verdade”, como uma “ingênuo ilusão”, mas significa buscar conhecer os fatos “como se passaram”, interpretando o discurso perante sua relação com a “verdade”. Para isso, a pesquisa histórica baseia-se em documentos, como suporte de possibilidades e de limites da interpretação historiográfica (BOTO, 1994).

Em vista disso, essa reconstrução do passado — remoto ou recente — configura-se como a *construção de uma representação*, baseada em fontes documentais, também compreendidas como *representações*, nas quais se busca *compreender* determinado fenômeno abordado historicamente — no tempo — para explicá-lo (MORTATTI, 2000a).

O fenômeno educativo apresenta-se sob diferentes facetas e, por isso, do ponto de vista teórico-metodológico, a pesquisa histórica em Educação é pesquisa de caráter eminentemente interdisciplinar (MORTATTI, 1999), tendo-se ampliado os “campos de trabalho”: teorias e projetos pedagógicos, métodos de ensino, conteúdos ensinados etc., em substituição ao que durante longo tempo prevaleceu na história da educação, essencialmente institucional e ideológica (CHARTIER, 1990).

A preocupação com a compreensão do passado se justifica, portanto, na medida em que é daí que o pesquisador retira princípios gerais que servem para orientar os homens no enfrentamento dos problemas do *presente* e construção do *futuro* desejado no campo de conhecimento investigado, pois “[...] a história é sempre ambivalente: o lugar que ela destina ao passado é igualmente um modo de dar lugar a um futuro.” (CERTEAU, 1994, p. 93).

II

Fato curioso, à época em que eu desenvolvia a pesquisa de mestrado, foi constatar que as cartilhas de alfabetização continuavam a exercer papel “mediador” e “concretizador” de teorias e métodos da alfabetização nas salas de aula de escolas brasileiras, em dissonância com as teorias então hegemônicas de alfabetização, que combatiam esse material didático e pretendiam superar seu uso⁶. Essa constatação se deveu, entre outros, ao fato de que *Cartilha do povo* continuava a ser publicada, tendo

⁶ A esse respeito, ver, especialmente: Mortatti (2000a).

constado, até 1995, no catálogo da editora, a Companhia Melhoramentos de São Paulo, e na lista de livros indicados no Plano Nacional do Livro Didático (MEC/FAE).

Analisando a permanência das cartilhas nas salas de aula e o “pacto secular” firmado entre esses instrumentos e a cultura escolar, Mortatti (2000b, p. 47-48) afirma:

Ao longo desses aproximados 120 anos, a cartilha sofreu alterações relativas ao método e teve aprimorados e atualizados vários de seus aspectos, especialmente o suporte material e os temas abordados nas lições. Entretanto, permaneceu até os dias atuais, assim como conservou-se intocada sua condição de imprescindível instrumento de concretização de determinado método, ou seja, da seqüência necessária de passos predeterminados para o ensino e a aprendizagem iniciais de leitura e escrita, e, em decorrência, da configuração silenciosa de determinado conteúdo de ensino, assim como de certas também silenciosas, mas efetivamente operantes, concepções de alfabetização, leitura, escrita, texto e linguagem/língua.

Apesar disso e apesar, também, dos estudos e pesquisas institucionais e acadêmicos sobre alfabetização terem-se intensificado a partir dos anos de 1980, poucos eram os que se referiam a cartilhas, sobretudo, os de fundo histórico.

Soares (1989) foi uma das primeiras pesquisadoras a apontar a insuficiência da produção acadêmica e científica brasileira sobre o tema “cartilha”, a despeito do papel fundamental desempenhado por esse material didático no processo de alfabetização em nosso país, e a despeito da necessidade, também apontada pela autora, de articulação de diversas facetas do processo de alfabetização, a fim de auxiliar o professor na elaboração e na utilização adequadas do material didático.

No catálogo analítico sobre o livro didático, elaborado por pesquisadores ligados à Universidade Estadual de Campinas (1989), havia 281 textos sobre alfabetização, sendo somente 6% deles sobre cartilhas.

O número insuficiente de estudos sobre cartilhas pôde também ser ratificado pela pesquisa de Barbosa (1990), pois, dentre 1.000 textos sobre alfabetização arrolados por eles, apenas 7,1% tratavam do tema.

Freitag, Motta e Costa (1993) ressaltaram os poucos estudos sistemáticos a respeito da história, política e economia do livro didático e os muitos estudos sobre o conteúdo desses livros, enfatizando que, a partir, sobretudo, da década de 1980, o conteúdo psicológico, pedagógico e linguístico das cartilhas começou a ser analisado à luz da dimensão cognitiva da alfabetização.

Assim, evidenciou-se, para mim, a necessidade de desenvolvimento de pesquisa histórica que permitisse compreender, mediante a reflexão sobre o papel exercido pela cartilha, como “mediadora” e “concretizadora” dos métodos de alfabetização, aspecto relevante, mas pouco explorado, no caso brasileiro, sobretudo naquele momento histórico.

III

Localizar, recuperar, reunir e selecionar as fontes documentais foram, então, árduos procedimentos de pesquisa. Havia a necessidade do deslocamento aos centros de pesquisa, distantes mais ou menos, 800 km da cidade onde residia no estado de Mato Grosso do Sul. Na cidade de São Paulo, consultei, dentre outros, o acervo da Biblioteca Infantil “Monteiro Lobato”, da biblioteca do Centro do Professorado Paulista, da Editora Melhoramentos, do Colégio Rio Branco, da Biblioteca “Municipal Mário de Andrade”; a Fundação Biblioteca Nacional (RJ) deu-me atendimento à distância, por correio; visitei bibliotecas municipais e universitárias em todos os municípios em que, por um motivo ou outro, estive, sempre em busca, especialmente, de exemplares de *Cartilha do povo* e *Upa, cavalinho!*, mas também de outras fontes documentais. Em todos os acervos que consultei, tive livre acesso aos documentos disponíveis: manuseei, tirei cópias, ganhei exemplares...; em alguns, tinha que “mergulhar” em pilhas e pilhas de materiais desordenados e jogados. Pode-se afirmar que as cartilhas que procurava eram consideradas “lixo” em muitos, mas para mim eram “ouro”⁷.

Nessa fase da pesquisa, passei a interrogar, conforme proposto por Mortatti (1999, 2000a), *Cartilha do povo* e *Upa, cavalinho!* e outras fontes documentais primárias e secundárias que utilizei na pesquisa.

Dessa feita, as cartilhas que eu analisava puderam ser consideradas representativas do pensamento hegemônico de uma época a respeito da alfabetização, dado, sobretudo, o sucesso editorial que obtiveram⁸, além de representativas da produção didática de seu autor⁹. Assim, foram consideradas como “concretização” de um projeto de alfabetização elaborado por Lourenço Filho, em sintonia com as necessidades e os anseios de sua época — em especial com os princípios do movimento da Escola Nova, de que ele foi um dos expoentes — e que se encontrava expandido no conjunto de sua obra, mas apresentava-se nas cartilhas em sua forma mais “aplicável”.

Além de sínteses de teorias sistematizadas e propostas por seu autor, a partir especialmente de 1930, em relação ao ensino e aprendizado da leitura e da escrita, essas cartilhas e seu sucesso permitiram apreender o esforço “facilitador” em relação ao trabalho do professor, resultante da exploração adequada, por parte de Lourenço Filho,

⁷ Essa característica da conservação e organização de acervos mudou completamente nos dias de hoje. O acesso tem sido dificultado, no que diz respeito ao manuseio dos documentos, com restrição de contato físico e de possibilidade de cópias e, muitos deles, fecharam-se para consultas. No entanto, encontram-se muito mais organizados e completos e houve relativa ampliação do número de acervos históricos, além de muitos terem sido disponibilizados para consultas *on line*. De material velho, as cartilhas passaram a material raro, certamente como reflexo do prestígio e avanço conquistados pela pesquisa histórica.

⁸ Dados detalhados sobre as trajetórias editoriais de *Cartilha do povo* e *Upa, cavalinho!* podem ser obtidos em: Bertolletti (1997, 2006a).

⁹ *Cartilha do povo* foi o primeiro livro didático de Lourenço Filho, autor, também de: outras cartilhas, livros de leitura escolar, livros de matemática e aritmética e livros do professor e do aluno. Sobre a produção didática de Lourenço Filho, ver, especialmente, Mortatti (2001).

do papel mediador e concretizador desse material didático, mediante a utilização de um método misto (ecletico) de alfabetização e mediante o “acompanhamento” direto que as cartilhas favoreciam, em relação ao trabalho do professor, quando das atividades de fixação e das instruções, seja na própria cartilha ou em livro a parte.

Era, portanto, um projeto de alfabetização idealizado e praticado por Lourenço Filho, desde seus primeiros escritos sobre educação e alfabetização, que foi sendo ratificado ao longo do tempo e adquirindo um caráter de permanência que lhe garantia durabilidade e presença, naquele momento histórico e até os dias atuais.

IV

A respeito da obra didática de Lourenço Filho e da hegemonia do pensamento sobre alfabetização nas respectivas épocas de produção, publicação e circulação de *Cartilha do povo* e *Upa, cavalinho!*, dialoguei, mais diretamente, com as pesquisas desenvolvidas por Magnani/Mortatti, que, numa abordagem histórica do movimento de constituição da alfabetização como objeto de estudo, tratou da “questão dos métodos” no estado de São Paulo desde 1876 até 1994. Abrangendo o que denominou “tematizações, normatizações e concretizações” caracterizadores da tensão entre o “novo” e o “tradicional”, essa pesquisadora elegeu quatro momentos cruciais ao longo do período estudado, concluindo que cada momento fundava o seu “novo”, no qual se conservavam aspectos do passado, ou seja, fundava-se uma nova tradição, que incorporava a tradição herdada.¹⁰

Em relação ao terceiro momento, a autora destacou o pensamento de Lourenço Filho a respeito do ensino da leitura e da escrita, discutindo o caráter representativo do livro *Testes ABC* - para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita, e das cartilhas: *Cartilha do povo* e *Upa, cavalinho!*.

Segundo a mesma autora, nesse terceiro momento crucial prevaleciam as discussões acerca de aspectos psicológicos, em detrimento de aspectos linguísticos e pedagógicos da alfabetização, havendo certa relativização dos métodos e ênfase no nível de maturidade biofisiológica para aprendizagem inicial da leitura e da escrita, sendo esta mensurável. E, nesse cenário educacional, Lourenço Filho foi uma das figuras de maior destaque:

[...] sua atuação representa a busca de concretização de uma das aspirações sociais e culturais típicas do início desse momento histórico, cujos efeitos tendem a tornar “normais” e “rotineiros” nas décadas seguintes: a reforma da educação, diretamente relacionada à necessidade de renovação e inovação intelectuais e de uma reforma ampla em todos os setores da sociedade brasileira, iniciada com a revolução de 1930 e que pressupunha, dentre outros aspectos, difusão da instrução elementar e redefinição e aumento das escolas superiores, como forma de democratização da sociedade. (MORTATTI, 2000a, p. 142-143, grifo da autora).

¹⁰ Para detalhes sobre os resultados dessa pesquisa, ver, especialmente: Magnani (1995, 1997), Mortatti (2000a, 2006b).

V

A análise da configuração textual dos documentos escolhidos como *corpus* para minha pesquisa era outro desafio. Considerar os documentos como *textos*, porque materializam um projeto discursivo,

[...] concebido, executado e avaliado por um sujeito que, a partir de certas necessidades, movido por certos objetivos, sobressaltado pelas contingências e mediado pela linguagem, em determinadas condições históricas e sociais, escolhe — dentre as possíveis e conhecidas — as opções de dizer/escrever o que precisa escrever para outro (s). (MORTATTI, 1999, p. 71),

é assumi-los como ponto de partida e de chegada do processo interpretativo, ou seja, é fugir de análises parciais, como as puramente ideológicas, ou que se restringem ao conteúdo e à forma dos documentos.

Desse modo, procedi a uma descrição minuciosa, tomando as cartilhas como ponto de partida e de chegada do processo analítico. Sempre que necessário, busquei informações em outras fontes, remetendo-as “de volta” às cartilhas, e enveredei na busca de “dar voz” aos sujeitos do passado, para compreender determinado projeto de alfabetização, sem deixar que o material analisado se impusesse à análise e sem pretender o tratamento das cartilhas como reflexo da época, ou homogeneizando suas diferenças, uma vez que foram escritas em intervalo de quase 30 anos. Ainda, não busquei o que o autor “quis dizer”, mas sim, o que “ele disse”, tomando seu discurso como objeto de estudo e buscando fazer “[...] leitura possível e autorizada, a partir de seus próprios objetivos, necessidades e interesses.” (MORTATTI, 2000a, p. 31).

O resultado foi um texto final de pesquisa, em que busquei materializar discursivamente o objeto de investigação, o processo de produção de conhecimento histórico, as interpretações propostas por mim¹¹.

VI

Em relação ao projeto de alfabetização concretizado por Lourenço Filho em *Cartilha do povo* e *Upa, cavalinho!*, cheguei aos seguintes resultados principais:

1. O projeto de alfabetização de Lourenço Filho sintetizado em *Cartilha do povo* correspondeu à tentativa de responder aos anseios e às necessidades da época em que foi produzida, no que diz respeito à alfabetização de crianças e de adultos.

A preocupação maior do autor consistia em oferecer, portanto, um instrumento de educação popular, correspondente à técnica do ler e do escrever, entendida como um meio de aquisição de cultura, por parte de cada indivíduo, e de progresso, riqueza,

¹¹ Considerações inspiradas em Mortatti (1999).

ascensão, abundância e prosperidade para a Nação, com a finalidade de propiciar ao país sair do atraso do passado e ingressar na modernidade.

Esse projeto, originado dos estudos teórico-experimentais sobre o “aprendizado” da leitura e da escrita pela criança, colocava-se em posição de superação das disputas travadas até então entre defensores dos métodos analíticos e dos métodos sintéticos. Para Lourenço Filho, o problema deslocou-se do “como” ensinar, para os fatores internos da “criança real” que influenciavam nesse aprendizado. Os métodos, por isso, eram indiferentes e representavam o pensamento “tradicional” em relação ao “novo” ponto de vista proposto por Lourenço Filho.

Nesse “novo” pensamento, portanto, o que importavam eram os fatores relativos ao *interesse* da criança em aprender e à *maturidade biofisiológica* — aspectos internos e considerados pré-requisitos para o aprendizado da leitura e da escrita.

O interesse era inato à criança e podia, segundo o autor, ser realçado por atividades interessantes, em jogos, motivados pelo professor ou por quem se encarregasse do ensino, e em cartilhas e materiais atraentes e bonitos¹². A maturidade, por sua vez, podia ser desenvolvida mediante atividades psicomotoras, depois de detectado o nível da criança, de acordo com os testes ABC¹³. Munida desses aspectos, a criança estaria em condições para aprender a ler e a escrever.

Assim como os métodos, a cartilha e os outros materiais de ensino se enquadravam no caráter “relativado”, e a figura do professor tornava-se também relativamente “secundarizada”, uma vez que a motivação da aprendizagem sobrepunha-se ao ensino. Decorrência importante para o pensamento educacional da época foi essa secundarização do papel do professor, uma vez que poderia contribuir para amenizar a falta de professores necessários para a desejada expansão do ensino primário. Em outras palavras: até um leigo poderia se ocupar do ensino, aumentando, assim, a quantidade de empenhados na aceleração do aumento do número de alfabetizados; não importando os meios, eram urgentes os fins.

Parecendo impermeável ao tempo e às mudanças sócio-históricas, esse projeto de alfabetização permaneceu inalterado ao longo da vida editorial de *Cartilha do povo*, assim como em escritos seguintes de Lourenço Filho, influenciando também outros autores de cartilhas, em sua época e posteriores.

2. A cartilha *Upa, cavalinho!* sintetizou em suas páginas um projeto de alfabetização rigorosamente fundamentado e intensamente voltado para a alfabetização de crianças, como indica seu título que sugere uma brincadeira infantil.

¹² *Cartilha do povo* é considerada “inovadora”, em virtude de seu aspecto gráfico mais elaborado em relação ao de muitas cartilhas da época.

¹³ Refiro-me ao material de aplicação que acompanhava o livro *Testes ABC*, de Lourenço Filho (1934).

Embora nesse aspecto essa cartilha tenha apresentado diferença em relação à *Cartilha do povo*, que se voltava também à alfabetização de adultos, conforme já apontado, as bases teóricas de ambas permaneceram as mesmas: a psicologia continuava a ser a base para o ensino e aprendizado da leitura e da escrita e também para a organização racional e homogênea das classes de alfabetização, uma vez que *Testes ABC* ainda continuavam intensamente divulgados e utilizados nas escolas brasileiras, à época de publicação e circulação dessa segunda cartilha.

As questões de ensino e, conseqüentemente, o papel do professor e do material didático de alfabetização, pareciam mais relevantes em *Upa, cavalinho!* — embora o professor exercesse ainda apenas um papel de “motivador” do aprendizado —, uma vez que as instruções didáticas vinham ocupando espaço maior na cartilha, tendo sido publicado o *Guia do Mestre* para melhor orientação das atividades de ensino, didatizando-se, assim, os fundamentos teóricos presentes no livro *Testes ABC*.

O desejo de aprender (ou interesse) considerado em *Upa, cavalinho!* diferia em suas raízes do interesse considerado em *Cartilha do povo*. Nesta, o interesse era considerado inato à criança, devendo apenas ser realçado pelo professor, pela escola ou pelo material de ensino; naquela, o interesse ou desejo deveria ser despertado, motivado pelo ambiente social e pelo professor.

A questão do nível de maturidade específico necessário para o aprendizado da leitura e escrita, por sua vez, medido pelos testes ABC persiste nas duas cartilhas.

Comparando as duas cartilhas, foi possível constatar a permanência ao longo do tempo de um mesmo pensamento de base sobre alfabetização, sintonizado com os anseios de diferentes épocas, ou seja, pôde-se notar no projeto de alfabetização de Lourenço Filho a manutenção de um discurso e a ratificação de ideias, para cuja produção e divulgação esse educador contribuiu significativamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar neste texto o percurso da pesquisa de mestrado, que desenvolvi, entre 1995 e 1997, sobre o projeto de alfabetização de Lourenço Filho, analisado a partir do estudo de duas cartilhas produzidas por esse educador, tive como objetivo, além dos já explicitados, contribuir para a discussão proposta no I SIHELE.

Ao partir de aspectos da memória e enfocar o tema, a metodologia empregada e o objeto de investigação escolhido, considero que também dei a conhecer não somente um trabalho realizado por mim, como contribuição para a produção de uma história da alfabetização no Brasil, como também um trabalho realizado por um grupo de pesquisa de que tenho participado e que, pioneira e ativamente, tem contribuído para a constituição do campo de conhecimento da alfabetização no Brasil.

Para isso, busquei: realçar as cartilhas de alfabetização como objetos de estudo fundamentais para a compreensão da história da alfabetização, uma vez que nelas está implícito “[...] um dos mais surpreendentes e reveladores capítulos da história do ensino no Brasil.” (PFROMM NETO; ROSAMILHA; DIB, 1974, p. 154); apresentar aspectos de vertente teórica e abordagem metodológica que caracterizam o eixo comum às pesquisas do GPHELLB, como possibilidade fecunda de desenvolvimento de pesquisas históricas; e propiciar a reflexão sobre caminhos e avanços do campo de conhecimento da história da alfabetização.

Soluções urgentes têm sido reclamadas para problemas do presente da alfabetização. A meu ver, pensar historicamente o fenômeno pode ser uma resposta indicada para o enfrentamento desses problemas, uma vez que se olha o passado para também se entender o presente e se construir o futuro. Entendo que, pensar historicamente o processo de alfabetização é importante porque compreender e explicar o passado propicia o questionamento da “naturalização” desse processo: pensar por que a escola ensina o que ensina; por que se alfabetiza desse modo e não de outro, leva a entender que não é “natural”, por exemplo, conceber a leitura como silabação e a escrita como caligrafia, como prevalece/prevaleceu em certo tempo e lugar, não sem debate, não sem lutas, não sem conflitos... Mas isso é tema para outros textos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, José Juvêncio (Coord.). *Alfabetização: catálogo de base de dados*. São Paulo: FDE, 1990. 2 v
- BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Cartilha do povo e upa, cavalinho! o projeto de alfabetização de Lourenço Filho*. 1997. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1997.
- _____. *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de cartilha do povo (1928) e da cartilha Upa, cavalinho! (1957)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006a.
- _____. *A produção de Lourenço Filho sobre e de literatura infantil e juvenil (1942-1968): fundação de uma tradição*. 2006. 275 f. Tese (Doutorado em Educação). – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006b.
- BLOCH, Marc. *Introdução à História*. 4. ed. Sintra: Europa América, [199-].
- BOTO, Carlota. Nova história e velhos dilemas. *Revista USP*, São Paulo, n. 23, p. 23-33, set./nov. 1994.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução Ephraim F. Alves. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. Educação. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVELS, Jacques. *A nova história*. Tradução M. H. Arinto e R. Esteves. Coimbra: Almedina, 1990. p. 160-162.

FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria Rodrigues; COSTA, Wanderley Ferreira. *O livro didático em questão*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993. (Biblioteca da Educação. Série 8; Atualidades em Educação, v. 3).

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *Cartilha do povo*: para ensinar a ler rapidamente. São Paulo: Melhoramentos, 1928.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *Testes ABC*: para a verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita. São Paulo: Melhoramentos, 1934.

_____. *Upa, cavalinho!* São Paulo: Melhoramentos, 1957.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Ensino de língua materna no Brasil*: a questão dos métodos de alfabetização no Estado de São Paulo (1876 – 1994). 1995. 389f. Relatório de Pesquisa – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 1995.

_____. Testes ABC e a fundação de uma tradição: alfabetização sob medida. In: MONARCHA, Carlos (Org.). *Lourenço Filho*: outros aspectos, mesma obra. Campinas: Mercado de Letras; Marília: Ed. UNESP, 1997. p. 59-90.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. *História da Educação*, Pelotas, v.3, n. 6, p. 69-77, out. 1999.

_____. *Os sentidos da alfabetização*: São Paulo - 1876/1994. São Paulo: Ed. UNESP; Brasília, DF: MEC/INEP/COMPED, 2000a.

_____. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. *Cadernos Cedes*, Campinas, ano 19, n. 52, p. 41-54, 2000b.

_____. Produção didática e de literatura infantil In: MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. *Por Lourenço Filho*: uma biobibliografia. Brasília, DF: INEP, 2001. p. 127-134.

_____. Apresentação. In: BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Lourenço Filho e a alfabetização*: um estudo de *Cartilha do povo* e da cartilha *Upa, cavalinho!*. São Paulo: Ed. UNESP, 2006a. p. 11-13.

_____. História dos métodos de alfabetização no Brasil. In: SEMINÁRIO NACIONAL ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM DEBATE, 2006, *Anais...* Brasília, DF: Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, 2006b. v. 1, p. 1-16. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf>.

_____. A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. *Revista ACOALFAplp* - Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa, São Paulo, ano 3, n. 5, p. 91-114, set./fev. 2008. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>. Acesso em: 15 maio 2011.

PFROMM NETO, Samuel; ROSAMILHA, Nelson; DIB, Claudio Zaki. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor: INL, 1974.

SOARES, Magda. *Alfabetização no Brasil*: o estado do conhecimento. Brasília, DF: INEP, 1989.

ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Biblioteca Central. Serviço de Informação sobre o livro didático. *O que sabemos sobre o livro didático*: catálogo analítico. Campinas, 1989.

VIEIRA, Maria do Pilar Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. *A pesquisa em história*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

VINHAO, Antonio. A história das disciplinas escolares. Tradução Marina Fernandes Braga. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 18, p. 173-215, set./dez. 2008.